

## **PALÁCIO DE MONSERRATE, SINTRA, PORTUGAL CONSERVAÇÃO E RESTAURO DA BIBLIOTECA**

**Rocha, Manuela<sup>1</sup> – Sarrazola Martins, João<sup>2</sup> – Cortesão, Luísa<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Nova Tacula, Lda – Av. José Estêvão, 81, 3850-554, Gafanha da Nazaré, Portugal – Tel/Fax: +351 219207449 – manuela.rocha@tacula.com

<sup>2</sup>Nova Tacula, Lda – Av. José Estêvão, 81, 3850-554, Gafanha da Nazaré, Portugal – Tel/Fax: +351 219207449 joao.sarrazola@tacula.com

<sup>3</sup>Parques de Sintra – Montes da Lua, S.A. – Parque de Monserrate, 2710-405, Sintra, Portugal Tel: +351 21 923 73 00, Fax: 21 923 73 50 – luisa.cortesao@parquesdesintra.pt

### **RESUMEN**

O Palácio de Monserrate foi edificado entre 1856 e 1864 por um milionário inglês para residência de veraneio, sendo um edifício de referência na arquitectura do período romântico em Portugal. Encontra-se integrado na área de Sintra – Paisagem Cultural da Humanidade (UNESCO 1995) e o seu projecto de recuperação dos interiores contempla diversas intervenções de conservação e restauro, constituindo-se como projectos experimentais para futuras intervenções. A conservação e restauro realizada na biblioteca pretende assumir-se como exemplo a aplicar aos restantes espaços com elementos decorativos de natureza semelhante.

A biblioteca é o único espaço do palácio que conserva o seu mobiliário original, associado a um conjunto de elementos decorativos de naturezas distintas. Embora apenas as estantes sejam de madeira, as restantes superfícies em estuques e papel decorativo, simulam esse material, promovendo uma interligação de composição e cromatismo de todo o conjunto. A intervenção realizada sobre o espaço, muitíssimo degradado, englobou todos os elementos decorativos, assegurando assim a sua unidade formal e decorativa, com estreito respeito pelos materiais, técnicas de produção e cromatismos.

A intervenção decorreu entre Maio de 2008 e Fevereiro de 2009. Constituindo-se como inovadora na abordagem efectuada e acompanhamento por parte da entidade promotora e seus parceiros, congregando uma componente didáctica que possibilitou aos visitantes do Palácio a visita ao estaleiro durante a intervenção.

O presente artigo, pretende assim apresentar os critérios de intervenção e trabalhos efectuados durante esta obra de restauro integral multidisciplinar. Esta, obedeceu a uma rigorosa programação, tendo em conta que a biblioteca tem 54m<sup>2</sup> de área, para minimizar qualquer impacto nefasto entre as diversas actividades. As frentes de trabalho criadas, agiam de forma simbiótica para o resultado tendo início com os trabalhos de estuques, secundados pela pintura mural, a que se seguiu o tratamento das estantes de madeira, concluída com o tratamento e aplicação dos papéis decorativos, manufacturados por métodos artesanais, reproduzindo fielmente os originais.

## ENQUADRAMENTO HISTÓRICO

A história de Monserrate remonta à época em que Portugal se encontrava sob o domínio dos Mouros. Nessa altura, um cavaleiro moçárabe, que vivia na colina onde se situa actualmente o palácio, entrou em conflito com o alcaide do Castelo dos Mouros, acabando por perecer num duelo entre ambos. Terá sido sepultado pelos seus colegas cristãos na colina e, posteriormente, venerado como mártir. Nesse mesmo local, após a reconquista cristã de Sintra no século XII, pelo rei D. Afonso Henriques, foi construída uma ermida dedicada a Nossa Senhora.

Em 1540, a então Quinta da Bela Vista pertencia ao Hospital de Todos os Santos, de Lisboa. Frei Gaspar Preto, após uma peregrinação ao Eremitério Beneditino de Montserrat na Catalunha, mandou edificar uma capela votiva a Nossa Senhora de Monserrate (daí o nome actual do parque), no local da sepultura do cavaleiro moçárabe. Em 1601, o Hospital de Todos os Santos aforou Monserrate à família Mello e Castro. D. Caetano de Mello e Castro, comendador de Cristo e vice-rei da Índia, acabou por comprar a propriedade em 1718. A partir de então, a família Mello e Castro, radicada em Goa, administrou a propriedade através de procuradores que, por sua vez, escolhia os rendeiros ou caseiros a quem competia a exploração agrícola da quinta e, quanto muito, a conservação das dependências que utilizavam. Das casas existentes, apenas se sabe que o terramoto de 1755 as tornou inabitáveis.

Cerca de 1790, Gerard DeVisme, um inglês que tinha enriquecido com o monopólio da importação de pau-brasil tornou-se o arrendatário de Monserrate. Manda construir o primeiro palácio neo-gótico sobre as ruínas da antiga capela e moradias existentes na colina. DeVisme, pouco tempo residiu em Monserrate, acabando por subarrendar a propriedade e todas as suas benfeitorias a William Beckford, por volta de 1793.

Beckford, era o inglês mais rico do seu tempo. Usou uma pequena parte da sua fortuna para efectuar algumas obras no palácio e suas dependências e para criar um jardim. Em 1799 deixa definitivamente o Portugal e Monserrate volta a entrar em declínio. Em 1809 Monserrate é visitada por Lord Byron, o famoso poeta, que cantou a beleza deste local no Childe Harold's Pilgrimage, lamentando apenas que "um matagal enorme" a custo lhe permitisse chegar "às salas sem ninguém com seus portais abertos" (referindo-se ao palácio), considerando a Quinta de Monserrate "o primeiro e mais lindo lugar deste reino", em carta de 16 de Junho do mesmo ano.

É em 1856 que Sir Francis Cook, outro milionário inglês, adquire a quinta abandonada à família Mello e Castro. Inspirado pelo romantismo, contrata o arquitecto inglês James Knowles que reconstrói o palácio, num estilo que oscila entre sugestões góticas, indianas e mouriscas. Aproveitando a volumetria da ruína preexistente, procede a uma profunda obra, em que os elementos decorativos vegetalistas se assumem com a continuidade do espaço exterior coroado no cimo da colina pelo novo palácio. No interior, o conceito de pavilhão para recepções é patente no amplo corredor longitudinal, que articula as diversas salas. As novas coberturas, em forma de bolbo, atribuem ao conjunto um carácter festivo exuberante que constitui uma referência obrigatória na paisagem de Sintra.

A parte rural foi transformada num parque em que se procurou recriar ambientes de várias partes do mundo, aproveitando as extraordinárias condições naturais e possibilidades cénicas oferecidas. A paisagem assim construída levou a que o parque fosse considerado um dos mais notáveis jardins exóticos do mundo, no período vitoriano.

Com a crise financeira de 1929, a fortuna da família Cook é seriamente abalada e a propriedade é posta à venda. É publicado em Inglaterra um catálogo com a descrição da propriedade, documento que contém todo o tipo de informações e imagens do palácio e parque.

Apesar da sua ampla divulgação em Inglaterra e junto do estado português, só em 1947 é vendida a um negociante de arte português, Saúl Sáragga. A sua tentativa de lotear a propriedade, leva o estado a adquiri-la em 1949, ficando afecta aos Serviços Florestais. Esta afectação mantém-se até 1980, ano em que o palácio é entregue ao Instituto Português do Património Cultural. É este período de 50 anos em que o palácio se encontrou desabitado e sem um programa de ocupação/utilização, que é responsável pelo grau de degradação a que o edifício chega, com a entrada de água que provoca danos irreversíveis em elementos estruturais e conseqüente perda de elementos decorativos.

Com a classificação da "Paisagem Cultural de Sintra" como Património Mundial pela UNESCO, em 1995, o governo português e a Câmara Municipal de Sintra criam, em Setembro de 2000, a PARQUES DE SINTRA - MONTE DA LUA, S.A.. Esta empresa ficou responsável pela promoção da reabilitação, conservação e manutenção dos activos naturais e arquitectónicos da área através de condições de gestão global mais flexíveis, e, bem assim, abrir à fruição pública os diversos activos culturais afectos – Parques da Pena, Monserrate, Castelo dos Mouros e Convento dos Capuchos.

Objecto de uma intervenção de recuperação de coberturas e fachadas, entre 2001 e 2004, em que se devolveu a estanquicidade e aspecto exterior ao edifício, todo o interior ficou por recuperar. Consciente da necessidade premente de abrir o palácio aos visitantes, a Parques de Sintra - Monte da Lua, S.A. candidatou-se, em 2006/2007 aos fundos EEAGrants com vista à primeira fase de recuperação do interior, abrangendo a introdução de infraestruturas e o melhoramento do circuito de visita. O sucesso desta candidatura formalizou o projecto de recuperação do palácio, onde se enquadra o restauro da biblioteca.

## **A BIBLIOTECA**

A sala da biblioteca insere-se decorativamente no estilo romântico revivalista. Ao longo do tempo em que foi vivenciada, teve pequenas alterações decorativas resultantes do uso e procura de conforto por parte dos seus habitantes.

Toda a decoração foi efectuada pretendendo dar à sala um aspecto de ser revestida integralmente de madeira, recorrendo a dois tipos de acabamento, o papel e a pintura decorativa (fotografia 1.).

O tecto, é estruturalmente um tecto de esteira em madeira, sanqueado, com revestimento de estuque aplicado sobre fasquiado. Apresenta na sua zona central um florão em estuque decorativo e peças decorativas a emoldurarem a zona de separação entre a esteira e a sanca formando uma arcada. O acabamento deste florão e peças com pintura decorativa a óleo sugerindo madeira clara. A restante zona da esteira e a sanca, são revestidas a papel de parede, que originalmente apresentava um padrão a imitar um forro de tábua corrida, com acabamento de verniz.

Entre o tecto e a parte superior dos móveis da biblioteca, a decoração é efectuada por dois frisos, um em pintura decorativa com motivos fitomórficos, apresenta-se dentro de uma reserva rectangular que acompanha as paredes da biblioteca, motivos vegetalistas de inspiração arabizante que se repetem em modulo, tendo por cima um friso de flores de lis. O segundo friso é em papel de veludo, "Flock-paper", 100% algodão, com a aplicação de motivos em relevo, em lã, posteriormente envernizado, apresentando uma decoração de padrão.

O remanescente das paredes encontra-se revestido pelas estantes da biblioteca, feitas em dois módulos, com a base mais larga com 70 cm de altura e corpo superior recuado. A madeira é nogueira e a estrutura e prateleiras em casquinha. As estantes são divididas por colunas lisas, com capitel e bases entalhadas. O capitel apresenta uma decoração de margaridas e as bases, pequenas folhas muito recortadas. O fundo e cornija das estantes são em estuque com pintura decorativa a imitar madeira.

As paredes entre as estantes são revestidas igualmente em madeira.

Existe ainda um fogão de sala, em pedra calcária, com azulejos relevados no seu interior.



THE LIBRARY

Fotografia 1. Fotografia da biblioteca em 1929, que integrava o catálogo<sup>1</sup>

## PATOLOGIAS E ESTADO DE CONSERVAÇÃO

O estado de conservação de todo o conjunto era muito mau (fotografias 2a e 2b). A degradação, ocorreu sobretudo em virtude das infiltrações provenientes das coberturas e vãos bem como do estado de abandono do edifício por longos anos.

O excesso de humidade e as infiltrações, provocaram o aparecimento generalizado de eflorescências de sais, que estão na origem de grande parte dos danos visíveis no estuque, pintura decorativa e papel. No tecto o apodrecimento do fasquiado provocou o colapso de duas zonas.

<sup>1</sup> Knight, Frank e Retley Monserrate Portugal one of the Worlds love liest Spots, 1929

O papel de parede encontrava-se também bastante degradado.  
No que se refere às madeiras, existia uma infestação activa, por insectos xilófagos.



**Fotografia 2. a) Parede Sul b) Parede Norte, antes da intervenção**

O palácio de Monserrate, durante o longo período em que esteve devoluto foi habitat de várias colónias de morcegos que aumentaram consideravelmente a concentração de sais no tecto pela deposição de guano (fotografia 3.) e também inúmeras manchas no mobiliário.



**Fotografia 3. Acumulação de guano de morcegos sobre a esteira do tecto  
Estuques**

Os estuques do Palácio de Monserrate, são obra dos famosos Meiras de Afife, julgando ser possível para breve, atribuí-los a mestre Domingos Meira, o qual fez uma viagem a Granada para se documentar, a mando de D. Fernando Rei consorte; Os Meiras de Afife são a

referência para o Séc. XIX, em Portugal, na arte de estucar, dando continuidade aos ensinamentos do Milanês Giovanni Grossi que fez escola em Lisboa, e que tem também trabalhos no Brasil.

Na biblioteca os estuques são parte integrante do mobiliário, com fingidos de madeira nos elementos decorativos das estantes. A cimalha do canto esquerdo encontra-se datada, pelo que a sua execução é de 1865. Estes elementos são unicamente de gesso, mas os elementos decorativos, quer do centro do tecto (fotografia 4.) quer dos frisos que acompanham a porta e as janelas, têm também pó de pedra que lhes conferem dureza e aspecto próximo das pedras naturais.



**Fotografia 4. Medalhão central do tecto**

Os principais problemas observados na sala, são sem dúvida os destacamentos e falta de aderência ao fasquiado sobre o qual o estuque foi realizado. Nas zonas em que houve desprendimento, verificava-se o mau estado das fasquias, apodrecidas em resultado de infiltrações da cobertura. Ainda no tecto existiam bolsas e fendilhações que o atravessavam em resultado de movimentos do fasquiado, provocado por variações de humidade.

Nos paramentos, as eflorescências salinas e a humidade provocaram destacamentos e apodrecimento do estuque (fotografia 5.).

Verificava-se também a falta de vários elementos na ornamentação do tecto, cimalha das estantes, elementos decorativos e frisos.



**Fotografia 5. Aspecto de um dos cantos da biblioteca**

### **Pintura mural**

A pintura mural existente na biblioteca encontra-se no fundo das estantes, no centro do tecto e no friso decorativo junto à sanca.

Os fingidos, executados sobre estuque imitam madeira escura na continuidade das estantes e vãos e clara no tecto. De boa execução técnica, apresentam vestígios de intervenções posteriores menos cuidadas (fotografia 6.).

O seu estado de conservação era diferenciado e dependente do estado do suporte (estuque), sendo as zonas mais problemáticas as afectadas pelos sais, nomeadamente sobre as estantes, os fundos apresentavam diversas intervenções dando-nos conta da continua acção de manutenção que o edifício teve durante o tempo em que foi habitado.

O friso decorativo sobre as estantes apresentava o fundo repintado com uma cor azul. Verificou-se também que na parede a norte o friso fora integralmente refeito. Esta barra decorativa apresentava inúmeras lacunas e policromia em destaque (fotografia 7.).



**Fotografia 6. Fingidos de madeira da cimalha**



**Fotografia 7. O friso decorativo entre as estantes e a sanca**

### **Mobiliário e revestimentos em madeira**

O estado de conservação deste mobiliário era mau, tendo em atenção a debilidade provocada pela infestação activa de insectos xilófagos extensiva a todas as peças em casquinha.

As estantes desta biblioteca, têm a estrutura das prateleiras chumbada nos paramentos o que provocou o apodrecimento das entregas em todas as zonas onde se verificaram as maiores infiltrações.

Registam-se faltas decorativas, respectivamente três capitéis e cinco bases das colunas da parte superior das estantes. Nos capitéis existentes, faltavam muitas flores perdidas em consequência da fragilidade da ligação ao "corpo" do capitel. Estas lacunas devolviam uma imagem descontínua e fragmentada deste conjunto.

O mobiliário apresentava uma sujidade acumulada, e manchas de várias origens, com diferentes graus de impregnação que se tornaram pontualmente irreversíveis.

Os revestimentos dos vãos, executados em madeira até a altura das estantes, apresentavam-se, quase na totalidade, irrecuperáveis devido ao excesso de humidade (fotografia 8.). O empeno provocado nas peças lisas e a degradação por fungos impossibilitava a sua conservação e planificação indispensável a decoração.



**Fotografia 8. Pormenor do estado do revestimento dos vãos**

## Papel de parede

O papel aplicado sobre as estantes é do tipo "Flock-Paper", aplicado directamente sobre o estuque e é composto por um fundo liso de cor bege e motivos florais em castanho sem barras de remate.



**Fotografia 9. Amostras dos papéis do tecto e da parede**

O papel do tecto, reproduzia um ripado de madeira. Tendo as melhores amostras sido encontradas caídas sobre as estantes. (fotografia 9.).

O avançado estado de degradação e as perdas significativas de papel deveram-se a factores externos ao suporte, como é o caso do excesso de humidade, deposição de poeiras e oxidação pelo ar entre outros.

Observando o papel que se encontra no tecto e a sanca da sala, verificou-se que era do mesmo tipo e com a mesma decoração.

O excesso de humidade a que a sala esteve submetida, associado à sujidade e produtos de alteração depositados no suporte, desencadearam um processo de degradação dos pigmentos da camada cromática, alterando a sua intensidade até ao desvanecimento e simultaneamente ao aparecimento de manchas.

No papel das sancas encontrámos o mesmo tipo de problemas, para além dos extensos destacamentos da parede e consequentemente rasgões e perdas de suporte.

Sob amostras recolhidas, foram efectuados testes de limpeza. Para a remoção de sujidades e produtos de alteração depositados na superfície do papel, foram realizadas limpezas mecânicas e aquosas, com o objectivo de devolver ao papel alguma estabilidade e possibilitar a visualização do motivo decorativo.

As patologias detectadas, tornavam inviável qualquer tipo de intervenção de conservação que visasse devolver estabilidade ao papel, ou seja, não era possível travar o processo de degradação em curso.

## **Pedra**

O fogão de sala apresentava-se um bom estado de conservação, pelo que apenas se previu a sua limpeza, refecimento de juntas e a recolocação da coluna ausente.

## **CONSERVAÇÃO E RESTAURO**

### **Filosofia e metodologia de intervenção**

A intervenção, foi delineada tendo em conta as cartas, convenções e normas em vigor, no sentido de preservar ao máximo a autenticidade histórica e construtiva, tentando simultaneamente devolver o esplendor à sala.

Tendo em conta a carta de Cracóvia de 2000, em que se diz que *“a intenção de conservação de edifícios históricos e monumentos, estando estes em contextos rurais ou urbanos, é manter a sua autenticidade e integridade, incluindo os espaços internos, o mobiliário e a decoração de acordo com a sua configuração original”*, e também que *“a decoração arquitectónica, esculturas e elementos artísticos, que são uma parte integrante do património construído, devem ser preservados mediante um projecto específico vinculado ao projecto geral (... ) O projecto de restauro deve garantir uma relação correcta com o conjunto do que está em redor e do ambiente, da decoração e da escultura, respeitando as artes e os ofícios tradicionais do edifício e a sua necessária integração como uma parte substancial do património construído”*. A intervenção, visou a conservação de todos os elementos decorativos existentes, passíveis de serem conservados e simultaneamente a reprodução de todos os outros que apesar de perdidos pudessem ser reproduzidos por existirem referências precisas.

No caso em estudo, todos os elementos em falta puderam ser reproduzidos por simetria, uma vez que existiam dados suficientes a nível de forma, de padrão, de técnica e de material, que o possibilitaram de modo a preencher todas as lacunas e faltas com materiais e técnicas idênticas às originais.

### **Obra visitável**

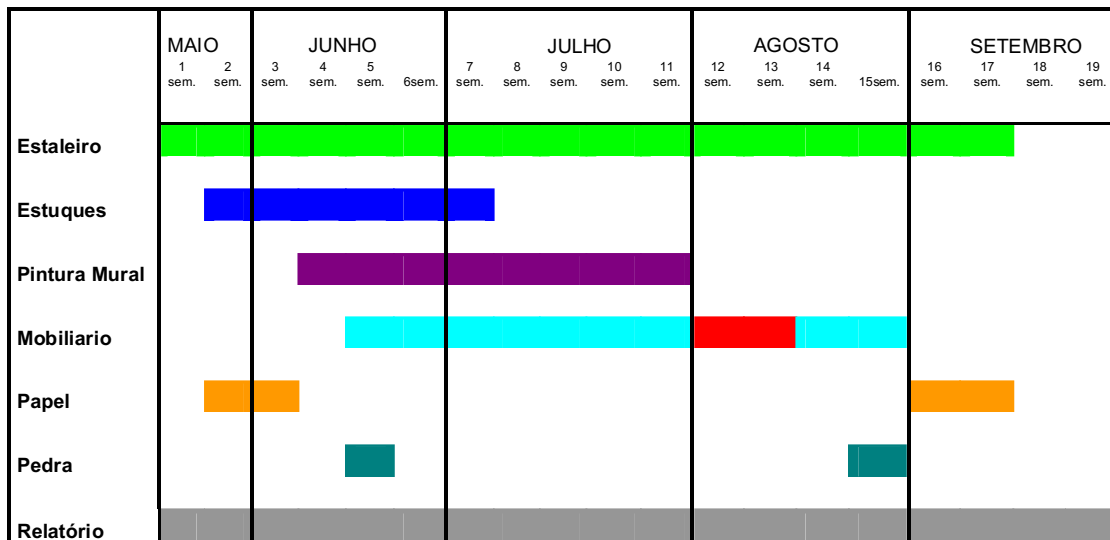
Era premissa desta intervenção, a visita ao estaleiro integrada na visita do edifício. Este procedimento constituía-se como um factor de valorização da visita ao palácio, tanto ao nível da importância da recuperação do património cultural (acompanhamento dos trabalhos e suas condicionantes específicas, estimular o interesse, estudo, divulgação e vocações) como da exposição do conjunto de meios humanos, técnicos e financeiros envolvidos.

Nesta condição planeou-se um estaleiro que possibilitasse uma acessibilidade total ao espaço de obra, em segurança, para técnicos e visitantes.

O planeamento de obra foi feito tendo em conta estas visitas pelo que apenas durante o período de desinfestação de madeiras e ventilação, a obra não esteve acessível.

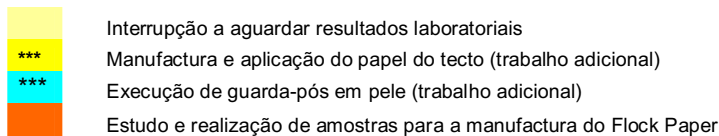
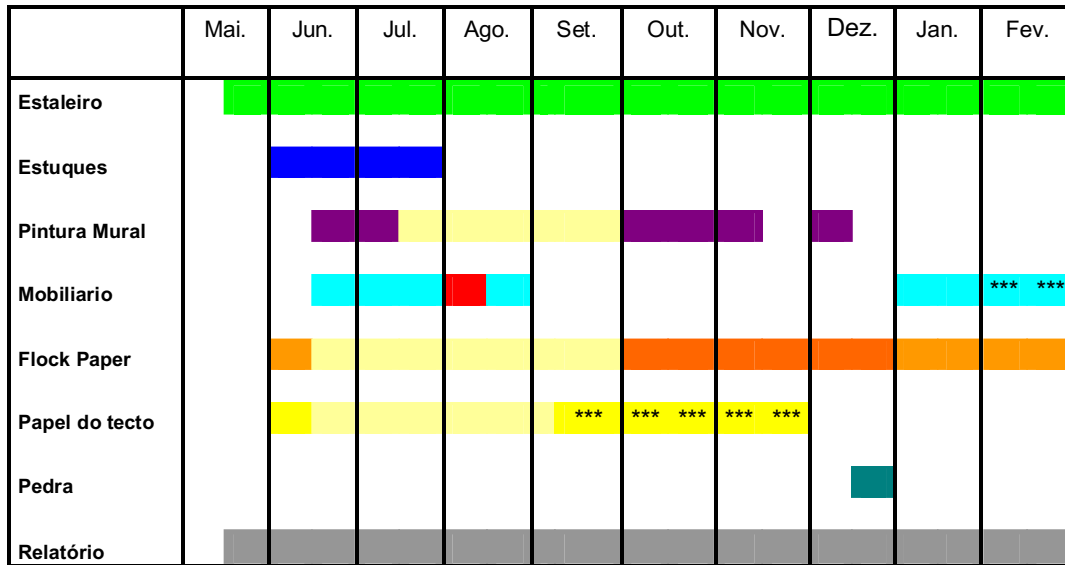
## A Intervenção

A intervenção neste espaço, constitui-se como uma inovação na medida em que espaços interiores, com valor patrimonial, são habitualmente intervencionados por conservadores restauradores, com áreas de especialização restrita o que implica intervenções que se saldaram pelo somatório da acção individual de cada uma das áreas da conservação e restauro intervenientes. No caso presente, e apesar da exiguidade do espaço, a multidisciplinaridade existiu desde a fase de projecto. A inovação constitui-se assim, pela procura desde o início, de fazer de forma concertada as acções de conservação e restauro de cada uma das áreas intervenientes de modo a mais do que a conservação individual de cada uma das artes decorativas presentes se conservasse o espaço Biblioteca e a sua referência no palácio. Tarefa partilhada pelos promotores e seus parceiros de que se destaca o IMC, Instituto dos Museus e da Conservação. Foi igualmente uma novidade para a equipa a circunstância de ser uma "obra visitável". Esta condição do caderno de encargos revelou-se profícua e incondicionalmente didáctica, depois de definidos os moldes em que poderia ocorrer. A exiguidade do espaço e a natureza dos trabalhos em curso ditaram a seguinte ordem de trabalhos: em primeiro lugar a conservação dos suportes de estuque por ser o trabalho mais intrusivo e generalizado. A conservação dos estuques foi sobreposta com a reparação da estrutura das estantes e cimalkhas. Seguiu-se a conservação e restauro da pintura mural executada em simultâneo com a conservação e restauro do mobiliário. Os trabalhos de polimento dos móveis e aplicação de papel finalizaram a intervenção, que dado o carácter experimental sofreu interrupções motivadas pela necessidade de estudo e apuramento de resultados.



neste período a obra não deve ser visitada por corresponder a aplicação de desinfestante e arejamento.

**Tabla 1. Cronograma inicial da obra - cumprido até á 2ª semana de Julho altura em que foi interrompido, para obtenção de dado laboratoriais.fornecidos em 10 de Outubro.**



**Tabla 2. Cronograma real da obra**

## Estuques

A intervenção teve início com a limpeza do tardo do tecto, para consolidação do mesmo a partir da cobertura. Procedemos à consolidação das áreas com falta de aderência ao fasquiado, com linhadadas de calda consolidante à base de gesso (fotografia 10.), à nova estrutura do telhado, ou aos elementos da estrutura que se encontravam em bom estado de conservação. Seguidamente foram fixados todos os ornatos em vias de destacamento. Foi repostado o fasquiado em falta, executado em madeira da mesma espécie e com as mesmas dimensões (fotografia 11.). As fasquias revestidas com argamassa de cal e areia. Após a secagem, a argamassa foi recoberta com a massa de estuque e o estuque de acabamento afagado a pano.



**Fotografias 10. e 11. Consolidação do tardo do tecto e reposição de fasquiado**

As áreas com estuque apodrecido nos paramentos e tecto foram substituídas por estuque novo e efectuada a selagem de fissuras. (fotografias 12. e 13)  
Recorremos a execução de moldes em silicone para reprodução das peças em falta que foram fundidas e aplicadas.



**Fotografias 12. e 13. Aplicação de argamassas de cal e areia e trcto após a reparação**

### **Pintura decorativa**

A pintura decorativa, circunscrita às áreas referidas, apresentava -se em muito mau estado.

O friso decorativo da parede norte já tinha sido refeito e nas restantes paredes, o estado de desagregação do suporte e a quantidade de sais existente (fotografias 14. e 15.), desaconselhavam a sua fixação. Assim, foi decidido proceder a sua remoção sendo conservada uma "janela", com dois motivos e metade de outro, onde se conservava a pintura original e os vários estratos existentes. Esta janela, (fotografia 16.) situada sobre a porta de entrada fica sobre o que se julgou ser a zona menos visível deste friso. Esta janela forneceu a amostragem para a elaboração dos novos tons de cal e pigmentos, com que se fez a reconstituição do friso, de acordo com os estratos encontrados e sem o azul, última adição decorativa, que tomamos a opção de não repor tendo em conta a documentação fotográfica da sala quando habitada.



**Fotografias 14 e 15. Desagregação da camada cromática devido aos sais.**



**Fotografia 16. Aspecto da janela com os vários extractos pictóricos**

A decoração de fingidos de madeira foi reconstituída com goma laca colorida de forma a vaiar as superfícies, quer das sancas, quer dos fundos das estantes e vãos de janelas.

### **Mobiliário**

O mobiliário foi alvo de uma intervenção profunda, que foi iniciada com a limpeza de todas as estantes e com a remoção dos restos de acabamento alterado.

Em simultâneo, foram iniciados o entalhe das peças em falta: 3 capiteis, 5 bases de colunas e 35 flores, em falta nos capitéis existentes (fotografia 17.). A madeira utilizada para esta execução foi noqueira.



**Fotografia 17. Capiteis novos**

Procedemos ao desmonte de todas as peças móveis, como rodapés, guarda-pós, colunas, bases e capitéis para encaminhamento ao expurgo, sendo o restante espólio desinfestado por pincelagem no local, com três de mão intervaladas de um dia cada, seguido de uma semana de arejamento.

Os trabalhos de marcenaria foram iniciados com a substituição das peças apodrecidas por outras iguais da mesma espécie, a que se seguiram as samblagens de todos os elementos e sua colocação. As estantes da parede norte foram as que tiveram uma intervenção mais intrusiva, bem como o revestimento da janela que lhe é mais próxima, que foi integralmente substituído (fotografias 18. e 19.).

Efectuou-se a consolidação de todas as peças danificadas pela acção dos xilófagos com recurso ao uso de resina acrílica diluída, aplicada em concentrações crescentes. O acabamento dado aos móveis foi idêntico ao que já existia. Uma base de goma laca aplicada a pincel, seguida de enceramento no corpo de baixo das estantes e de todas as prateleiras na face sem livros

Para se proceder ao diferenciamento das peças novas, capiteis, bases e flores, estes foram patinados com *vieux-chaine*, sem adição de anilina vermelha como os originais para que possam, numa leitura atenta, ser diferenciados.



Fotografia 18. Substituição das peças apodrecidas



**Fotografia 19. Reconstituição da guarnição de vãos e estante anterior reparada.**

## **Papel**

Em fase de diagnóstico, já tinha sido verificado ser inviável qualquer intervenção sobre o papel sem ser removido das paredes. Por esse motivo e porque a sua remoção, devido à debilidade do papel era altamente penalizadora, constatou-se que a preservação do papel existente não dava garantias de qualquer estabilidade duradoura, sendo de referir que a inexistência de motivo decorativo, a alteração de cor e as manchas que apresentava se tornariam mais evidentes após a intervenção de conservação e restauro da sala.

Neste contexto e tendo em consideração que o papel de parede é utilizado como material de revestimento, com uma função decorativa, que neste caso se tinha perdido, foi decidido conservar uma pequena parcela da sanca no canto direito da parede norte, que se encontrava em melhor estado de conservação e proceder à execução de um papel novo, respeitando o motivo original (imitação de ripado de madeira, com acabamento de verniz), de forma a devolver à sala o esplendor decorativo de outrora, função que o papel existente não poderia de forma nenhuma exercer.

Relativamente ao papel com textura, foi decidido conservar as folhas existentes em bom estado e recolocá-las na zona de onde tinham sido removidas, sob a área da sanca igualmente conservada e reproduzir e aplicar o restante em falta.

O papel foi manufacturado com pasta 100% algodão que é composto por 99% de celulose Alpha estável e resistente para além de não conter lenhina. Trata-se de um papel de excelente qualidade. Os motivos em relevo ou seja o "Flock-Paper" são obtidos através de pura lã e os tingimentos com recurso a pigmentos estáveis.

A reprodução deste papel envolveu algumas considerações quanto a sua tonalização, uma vez que das amostras recolhidas, se tinha constatado que o original era branco e que a tonalidade castanha tinha sido obtida através da aplicação de goma-laca com pigmento (fotografia 20.). Foi

no entanto decidido que a reprodução se efectuaría com papel à cor do existente e não do original, de modo a conseguir uma boa integração com as folhas que foram reaproveitadas.



**Fotografia 20. Pormenor do papel de parede original.**

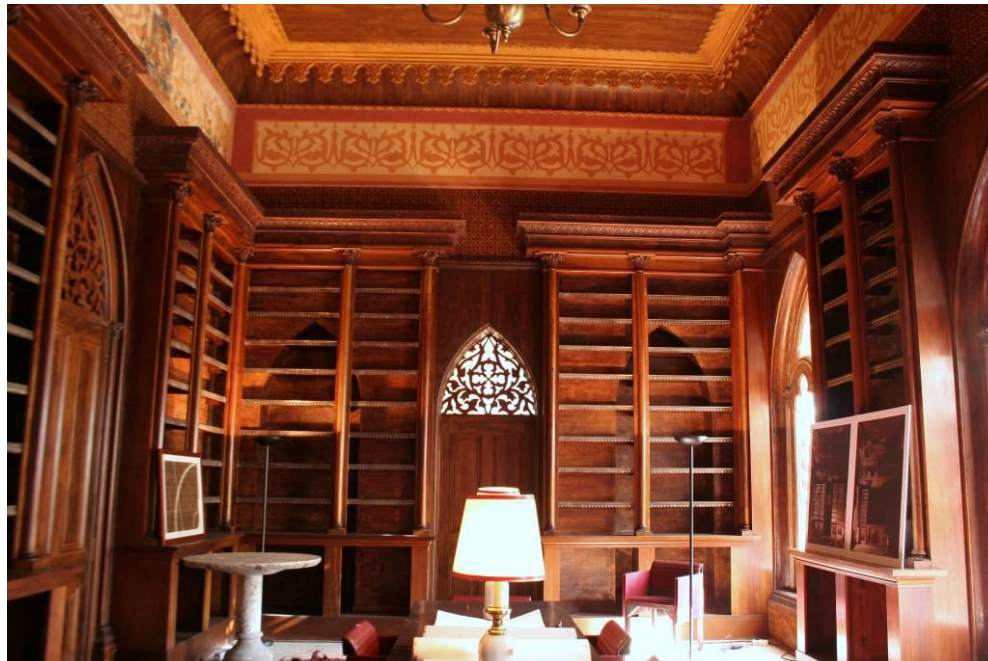
## **CONCLUSÕES**

A obra de conservação e restauro da sala da biblioteca do Palácio de Monserrate, foi uma obra inovadora em Portugal, em virtude de pela primeira vez se ter abordado este tipo de intervenção como um todo e não a soma das várias partes. Como foi referido, normalmente a intervenção é faseada, sendo cada uma das áreas intervencionadas separadamente, frequentemente por empresas diferentes e com critérios de intervenção diferenciados. Neste caso, desde a fase de projecto até à conclusão, tudo foi equacionado de modo a obter a unidade formal da sala, capaz de devolver ao conjunto todo o seu esplendor (fotografias 21, 22 e 23), cumprindo em simultâneo as normas e convenções de restauro actualmente aceites.

Por outro lado, a circunstância de a obra ser visitável diariamente, igualmente inovador em Portugal, tornou-se um factor de valorização, quer pelo incentivo induzido aos visitantes na causa da preservação do património, quer pelo atractivo turístico capaz de gerar receitas reaplicáveis no próprio edifício.



**Fotografia 21. Aspecto final da parede Norte**



**Fotografia 22. Aspecto final da parede Sul**



**Fotografia 23. Aspecto final do tecto.**